

19º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

19 DE OUTUBRO DE 2025

LUCAS 18.1-8

1 TEXTOS DO DIA

1.1 Salmo 121

O Salmo 121 é descrito como sendo um salmo de romagem, ou de subida. O seu sentido é de peregrinação e pode indicar que foi escrito por um peregrino que estava subindo para Jerusalém por ocasião de uma das grandes festas religiosas do povo de Israel. O sentido é que enquanto marcha, o fiel canta a Deus. As palavras iniciais revelam duas coisas importantes para o leitor: o coração do salmista e a sua esperança: *“Elevo os meus olhos para o monte: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra” (vv. 1-2).*

Essas palavras apontam para o tema central do Salmo: Deus é o fiel guarda de Israel. Observando os montes de Jerusalém, que também trazia a memória a criação perfeita de Deus, o salmista que se sente oprimido, constata que somente em Deus ele encontra um ajudador fiel. O salmista vai destacar esse socorro que vem de Deus o repetir por seis vezes nesse salmo o uso da palavra “guardar” sempre com referência a Deus.

1.2 Gênesis 32.22-30

Após quase 21 anos depois da separação de Jacó de seus pais e da fuga de seu irmão Esaú, Jacó agora se prepara para voltar para casa. A sua saída da casa de seus pais e sua fuga para a Mesopotâmia fora marcado por episódios tingidos por sombras que deixaram marcas profundas na vida do patriarca. E, essas sombras ainda estavam presente em seu coração.

O capítulo 32 de Gênesis revelam o coração temeroso e angustiado de Jacó em sua caminhada de volta para casa e o reencontro com seu irmão Esaú, o qual ele havia enganado em duas oportunidades e lhe tomado tanto o direito de filho mais velho com a

bênção de seu velho pai Isaque. Essas sombras fazem com que Jacó crie um estratagemas para poder lidar com essa situação conflituosa. É nesse cenário que acontece o encontro misterioso entre Jacó e Deus no vau de Jaboque. Um encontro que vai mudar o rumo da história do patriarca.

Depois desse encontro ele não mais será chamado de Jacó, o enganador, mas ganhará uma nova identidade – Israel, o príncipe de Deus. O seu novo nome seria um atestado de sua nova posição e foi um sinal da graça de Deus, apagando uma antiga repreensão (Gn 27.36). Desta vez a bênção foi sem mancha, no receber e no dar: era dele mesmo, não tramada e sem intermédio.

1.3 2 Timóteo 3.14-4.5

O texto de 2 Timóteo 3 é um texto fundamental no ensinamento bíblico que trata a respeito da inspiração, valor e utilidade da Palavra de Deus. Paulo faz uma exortação a permanecermos firmes na Palavra de Deus, lembrando-nos que desde cedo fomos instruídos nessa palavra a qual nos tornou sábios para a Salvação em Cristo, mesmo em tempos difíceis, quando muitos se afastarão da fé e seguirão falsos ensinamentos.

Paulo recomenda também que a palavra deve ser pregada em toda ocasião, “quer seja oportuno ou não” (v.2), corrigindo, repreendendo e instruindo com paciência. Paulo adverte que chegará o tempo em que as pessoas não suportarão a sã doutrina, mas é responsabilidade do pastor (pregador) cumprir fielmente o seu ministério, vivendo o Evangelho na prática e mantendo a esperança em Cristo.

2 ANÁLISE DO EVANGELHO DO DIA

2.1 Contexto

Jesus, no capítulo 17, se ocupa com o ensino a respeito da *parousia*, ou seja, da sua segunda vinda. Nessa oportunidade Jesus havia tratado de alguns temas importantes como a respeito dos escândalos, do perdão ao irmão, a cura dos dez leprosos e por fim ele fala a respeito da vinda do reino de Deus. Iniciando essa nova

seção com a expressão “Disse-lhes”, parece indicar que Jesus está ainda falando com o mesmo público da seção anterior.

Jesus fala agora a respeito da oração, como que o conectando ao tema da sua segunda vinda, estimulando seus ouvintes a perseverança na oração mesmo quando não veem sinal claro de resposta. Parece que a ausência desses sinais acabava trazendo um sentimento de desesperança, ansiedade e desencorajamento ao coração daqueles que buscavam na oração a ajuda de Deus.

O ensino de Jesus é claro: “nunca esmoreçam”, ou seja, não desanimem. Jesus sabia que após a sua morte e por causa da sua fraqueza de fé, muitos viriam a se desmotivar e desencorajar em sua caminhada de fé, por isso Jesus os incentiva a oração.

2.2 Síntese do texto

v.1 – “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer”: O público-alvo das palavras de Jesus parece ser o mesmo do capítulo anterior. Jesus se dirige a esse público para um novo ensinamento. Jesus se dirige a “eles” em forma de parábola.

Parábolas são um poderoso recurso literário usado por Jesus para ensinar as pessoas simples, bem como também, ao mesmo tempo, os mais instruídos. Geralmente são histórias simples, tirada do cotidiano para poder ilustrar uma verdade espiritual ou doutrínaria mais importante.

Aqui, o propósito de Jesus fica evidente no próprio texto: *“E dizia (uma) parábola a eles sobre ser necessário eles orar sempre e não desanimar”* (v.1). Parece haver um ensino duplo de Jesus aqui: ensinar a orar e não desanimar na oração. É interessante o uso do verbo *ekakein* aqui. Este verbo está no Infinitivo presente, o qual, carrega uma noção de ação contínua, duradoura ou repetida e traz aqui a ideia de coragem e permanência.

Assim, os seus ouvintes deveriam orar continuamente e repetidamente e não desanimar na oração, ou seja, não ceder ao mal, cansar-se, perder o ânimo, tornar-se covarde. Dá uma ideia de perseverança mesmo na adversidade ou quando não se encontra de imediato uma resposta para a oração.

A Bíblia de Estudo da Reforma conecta esse ensino de Jesus sobre a oração com a sua morte, ao apontar que seus ouvintes logo iriam ficar desencorajados por causa de sua fraqueza e pela morte de Jesus.

vv.3-4 – “Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário”: Jesus apresenta agora em sua história dois personagens opostos entre si. De um lado está a figura do Juiz, uma figura de autoridade. Este não era um simples juiz, mas era um juiz *“que não temia a Deus e nem homem algum”* (v.2). Dê uma certa forma, era uma figura de imponentia, uma pessoa que não temia nem quem estava acima dele e nem abaixo. Era controlado por suas próprias ideias e inclinações.

Do outro lado, temos a figura da viúva, que representava quase que sempre uma figura de pessoa indefesa. Era dependente de outras pessoas para o seu sustento e vida. Essa viúva, entretanto, não tem ninguém que a defenda. Isso pode indicar que ela não tem um resgatador, um filho ou parente que a resgate.

A figura de um resgatador (*goel*) designava uma figura importante na sociedade israelita. Ele tinha a função de resgatar propriedades da família que haviam sido vendidas por necessidade (Lv 25.25), livrar parentes da escravidão por dívidas (Lv 25.47-49), defender a honra e fazer justiça pelo parente em casos de homicídio como “vingador de sangue” (Nm 35.19) e manter a descendência do falecido casando-se com a viúva como previsto na lei do levirato (Dt 25.5; Rt 3-4).

O resgatador era uma figura de apoio jurídico, econômico e social para proteger os mais fracos, principalmente as viúvas. No Novo Testamento, as viúvas eram símbolos de vulnerabilidade. Sem marido, ficavam sem proteção legal e econômica e caso não tivessem um parente próximo (*goel*) estavam entregues à misericórdia da sociedade. Portanto, uma viúva sem resgatador estava realmente sem defensor e muito exposta à injustiça. Essa parece ser a situação apresentada por Jesus aqui na figura dessa viúva.

O texto não menciona nenhum defensor. Isso é significativo. Se ela tivesse um parente resgatador, seria ele a pleitear a sua causa. O silêncio sobre isso reforça a sua solidão e vulnerabilidade. Tudo que essa viúva tem ao seu lado era o seu direito. Ela pede

por justiça e não por vingança. É nesse direito que ela persiste em seu pedido continuamente.

vv.4-5 - “Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me”: Jesus apresenta agora a conclusão final de sua história. O juiz, mesmo em sua posição de imponência sede ao pedido da viúva e julga a sua causa.

É interessante notar que o texto não diz se ele julgou procedente ou não a sua causa, se lhe foi favorável ou não. Mas mostra que a persistência dessa viúva foi determinante para que ele ouvisse a sua queixa e julgasse a sua causa, mesmo que viesse a fazer isso somente para poder se livrar do incomodo da presença constante da viúva.

O elemento chave da parábola de Jesus é a persistência da viúva mesmo em meio a muitas negativas. Não sabemos por quanto tempo ela precisou “importunar” esse juiz com a sua causa até que ele lhe desse atenção. Entretanto, sua determinação era resoluto. Ela não tinha mais ninguém para fazer isso por ela.

vv.6-7 - “Então, disse o SENHOR: Considerai no que diz o juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-lo?”: Após apresentar a história do Juiz iníquo e a da viúva, Jesus agora faz a aplicação dessa parábola para seus ouvintes, conectando-a a sua exortação inicial a respeito da oração e da persistência em não desanimar.

O sentido da parábola é claro: visto que mesmo um juiz injusto pode fazer justiça, muito mais devemos esperar que Deus faça justiça pelos seus escolhidos. Jesus apresenta a Deus como um Deus justo e misericordioso que ouve o clamor dos seus eleitos e atende a suas orações, mesmo que isso muitas vezes pareça demorar. A perseverança da viúva simboliza a fé persistente do cristão que confia em Deus mesmo quando parece não haver socorro humano.

v.8 - “Digo-vos que, depressa fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?”: Chegamos ao clímax final da parábola. Ela

apresenta uma tensão presente entre a vindicação de Jesus e a realidade do coração humano caído em pecado. É interesse observar que Jesus mostra que Deus já está agindo para realizar a sua justiça no mundo. Essa justiça encontrará seu ápice na cruz, quando o Filho de Deus entregará a sua vida no lugar do pecador.

O caminho da justiça de Deus é o caminho da cruz. Entretanto, aos olhos humanos, esse caminho é um sinal de fraqueza e humilhação. Não parece revelar a glória e o poder de Deus. Lutero lembra essa realidade quando diz: “na cruz vemos o verdadeiro rosto de Deus: humilde, frágil e cheio de amor pelos pecadores.

Ali, Deus se revelou não em glória esmagadora, mas em fraqueza e sofrimento por nós, assumindo a nossa culpa e oferecendo perdão”. Esse é o sentido da pergunta de Jesus: *“quando vier (vindo) o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?”*.

3 POSSÍVEIS TEMAS DE PREGAÇÃO

O período litúrgico é o 19º Domingo após Pentecostes. Estamos caminhando para o fim do ano litúrgico. O período do Pentecostes, que se inicia na festa de Pentecostes, lembrando o derramamento do Espírito Santo (At 2), é o período mais longo do ano da igreja indo até o fim do ano litúrgico, antes do tempo do Advento. Seu destaque está na ação do Espírito Santo na Igreja.

Os temas centrais desse período são: Vida cristã em fé e amor, crescimento da Igreja no testemunho, missão e discipulado, chamado a santificação e perseverança na esperança em meio as lutas. Dessa forma o tempo de Pentecostes enfatiza como a igreja vive no mundo a partir da obra completa de Cristo, guiada pelo Espírito Santo, até a consumação do reino de Deus. Assim podemos fazer alguns destaques para esse domingo, vejamos:

3.1 Perseverança na fé

A vida cristã é marcada pela luta e pela espera. O caminho do cristão não é um caminho de facilidades, mas, o caminho da cruz. Esse é um caminho que nos chama a

fé e a confiança irrestrita em Deus (1º Mandamento) como os exemplos do salmista, de Jacó, da viúva e da própria igreja como descrito por Paulo.

3.2 Confiança no SENHOR

Mesmo em meio as aflições e dificuldades somos lembrados que temos um guardador fiel que não dorme e nem dormita. Ele é quem faz justiça em favor dos seus eleitos (Sl 121; Lc 18).

3.3 Centralidade na Palavra

Paulo nos apresenta que a Escritura Sagrada é o alimento e a direção da Igreja e do povo de Deus no mundo. Por isso estimula-nos a “permanecermos firmes naquilo que aprendemos desde a infância” (2Tm 3.14) e a pregação firme, fiel e pura da Palavra de Deus (2 Tm 3-4).

3.4 Vida de oração

A parábola de Jesus aponta para a importância da oração e da persistência mesmo diante do silêncio em meio as aflições. A promessa é que Deus ouve e atende a nossa oração, principalmente, quando não temos ninguém que defenda a nossa causa. Somos lembrados nessa parábola que Jesus é o nosso verdadeiro resgatador (*goel*). É ele quem intercede por nós e nos defende diante do Deus justo e misericordioso.

3.5 Esperança escatológica

Caminhamos nesse mundo olhando para frente, para a volta de Cristo. Somos estimulados a permanecer firmes na fé até o fim (Lc 18.8);

4 PROPOSTA DE TEMA PARA PREGAÇÃO

“PERSEVERAR EM FÉ E ORAÇÃO, FIRMADOS NA PALAVRA DO DEUS QUE GUARDA E FAZ JUSTIÇA”: Podemos destacar na pregação a ênfase para esse domingo centrado na vida cristã como uma caminhada de fé perseverante, sustentada pela Palavra e oração, sempre em confiança em Deus que guarda, abençoa e faz justiça.

Elton Americo
Campinas do Sul/RS